



*José Cardoso Pires*

## OS SAPATINHOS DE OURO

**E**ra uma vez uma menina, mui formosa e pobrezinha, que guardava patos numa ilha de dragões. A menina, coitadinha, nem sapatos para os pés tinha que a defendessem dos espinhos que encontrava nos caminhos nem das formigas-ferrões. Ai de mim, chorava ela, que, sempre, sempre, atrás dos patos, ando rota e sem sapatos na maior das aflições.

Ai de mim, ai de mim,  
e assim, cheia de medo e maus tratos, a pastorinha infeliz sonhava com um milagre de ouro que é com quem diz, com sapatos.

A ilha desta menina chamava-se nem mais nem menos que Manila. Era lá que reinava o príncipe Marcos, rodeado de soldados assassinos a cavalo de dragões. Vivía triste e mais que triste e em grande solidão porque não tinha princesa. Pretendentes não faltavam mas ele a todas dizia que não, pois sonhava com uma donzela tão bonita e preciosa que fosse à noite sol e de dia lua e só falasse com o olhar.

Era um príncipe muito devoto a Jesus Nosso Senhor para poder fazer pecados e o seu povo sofredor seguia com tanta fé as lições da cristandade que açoitava nas ruas para afugentar o demónio. Nos dias da paixão sagrada desfilava em procissão, carregando cruces pesadas e crucificava-se nelas para penar a miséria deste mundo, com piedade e resignação. Escusado será dizer que a guardadora de patos não sabia destas coisas que só tinham lugar na cidade real e ela, camponesa descalça, nunca saíra da sua aldeia lá nos confins da ilha.

Um dia, estava ela com os patos à beirinha dum regato, apareceu-lhe a fada Imelda que, apesar de fada, era feia como as bruxas e metia medo aos dragões. Chegou-se à pastorinha, olhou-lhe muito o cabelo, que era metade louro metade prata da cor do luar, e, abrindo as mãos cobertas de escamas, soltou uma nuvem de luz dentro da qual vinham uns sapatos de ouro rendado.

“Toma”, disse-lhe ela, “mas tem cuidado nunca te deixes descalçar nem a dormir nem acordada, porque nessa hora ficarás com pés de pata e com cabeça de penas.”

E palavras não eram ditas desapareceu.

Realmente os sapatos ficavam-lhe grandes, mas a menina arrastava-os com tais cuidados que acabou por se habituar. Quando já andava com eles ligeira e por cima de toda a folha, tornou-lhe a aparecer a fada Imelda que lhe falou nestes termos:

“Deixa os patos e a varinha, que te vou levar ao príncipe para que ele te tome como esposa”. E, meu dito meu feito, levou-a logo pela mão até à cidade real.

A pastorinha ia o que se diz alumbrada com tanta felicidade. Quando chegou à capital do príncipe viu gente a flagelar-se pelas ruas, homens crucificados com coroas de espinhos na cabeça a rezarem de olhos virados para o céu. Mas adiante, disse a fada, e pouco depois surgiu-lhes um palácio guardado por dragões flamejantes. As muralhas eram feitas de diamantes, as pedras mais duras que há no mundo e por isso impossíveis de vencer.

Mesmo assim, entraram. Imelda era tão medonha de feia que fez recuar os dragões, apesar das labaredas que eles deitavam pelas ventas para a assustar.

Entraram, mas ao chegarem à sala real, Imelda escondeu-se atrás dum reposteiro e empurrou a pastorinha lá para dentro, deixando-a sozinha frente ao príncipe, que ficou deslumbrado para sempre assim que a viu. Ela, loira e prateada, tinha o sol e a lua no cabelo e não podia falar porque perdera a voz, de comovida.

Donzela preciosa, à noite sol e de dia lua e só capaz de falar com o brilho do olhar, estas eram as prendas da princesa desejada. De modo que ficou logo ali ajustado o casamento.

Mas Imelda era fada, sim, mas daquelas sem coração. Mal saíram do palácio, roubou os sapatos à pastorinha e gritou-lhe fuge, fuge, até nunca mais a ver. Teve porém o cuidado de ficar apenas com

um, o outro atirou-o para a cerca do palácio, ela lá sabia porquê.

Passaram-se meses e a noiva sem aparecer. Marcos chorava de amor, agarrado ao sapato que ficara, perdido, no palácio; até que teve uma ideia: anunciar por todo o reino que casaria com a donzela, pobre ou rica, que tivesse o sapato que fazia par com aquele.

Claro que uma coisa assim só Imelda podia ter, um sapato tão igual que lhe ficava justo ao pé. O príncipe caiu em pavor diante de uma mulher tão grande e repelente, em vez da pastorinha que o tinha apaixonado, mas palavra de príncipe não volta atrás e aceitou-a como esposa, que havia ele de fazer?

Imelda, ao ver-se princesa, tornou-se chefe dos

**Marcos chorava de amor, agarrado ao sapato que ficara, perdido, no palácio; até que teve uma ideia: anunciar por todo o reino que casaria com a donzela, pobre ou rica, que tivesse o sapato que fazia par com aquele. Claro que uma coisa assim só Imelda podia ter.**

ladrões do reino, para entontecer o marido com riquezas infinitas. Mesmo assim, como o visse envelhecer, sempre a olhar-lhe para os sapatos com saudades da pastorinha, deixou logo de os usar, e a cada hora aparecia calçada de sua maneira, mandou fazer tantos, tantos sapatos que, ao chegar aos dois mil pares, o príncipe estava igualzinho a ela em figura e em maldade.

Montados em dragões de fogo, passeavam-se pelas ruas dos vivos crucificados que rezavam já sem voz, assaltavam ao desbarato os ricos e os camponeses, tomavam a santa hóstia em cálices de ouro e diamantes e foram muito felizes até à morte, que os levou aos dois para o céu.

Fim. ●